



## MEMÓRIA, IDENTIDADE E PERDA ENTRE A COMUNIDADE CARBONÍFERA DE ARROIO DOS RATOS - RIO GRANDE DO SUL – BRASIL

Tassiane Mélo de Freitas\*

**Resumo:** Esta comunicação centra-se na discussão acerca das relações entre memória, identidade e perda entre a comunidade carbonífera do município de Arroio dos Ratos (Rio Grande do Sul – Brasil). Considerando a maneira pela qual os grupos e indivíduos fazem frente à perda, no caso estudado, o processo de desindustrialização desta área, busca-se através desta comunicação relacionar esta questão com o problema da petrificação da memória e da identidade. Através da análise do discurso metamemorial da comunidade arroio-ratense, no que diz respeito às memórias em torno da mineração de carvão nesta cidade, será traçado um caminho para compreender de que forma este discurso se apoia sobre a fragmentação das memórias organizadoras e como isto encaminha-se para a fossilização da memória e da identidade desta comunidade. Esta investigação se apoia tanto em revisão bibliográfica específica, que traz a abordagem histórica e antropológica da região carbonífera gaúcha, como em entrevistas realizadas pelo extinto Centro de História Oral do Rio Grande do Sul em que os depoentes eram mineiros do carvão aposentados.

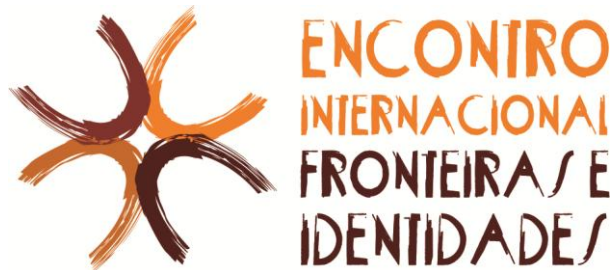
No Rio Grande do Sul, a Microrregião Carbonífera do Baixo Jacuí compreende os municípios de Arroio dos Ratos, Barão do Triunfo, Butiá, Charqueadas, Eldorado do Sul, General Câmara, Minas do Leão, São Jerônimo e Triunfo. “Esta área está compreendida entre os paralelos 29°37’ e 30°38’ de latitude Sul e os meridianos 51°15’ e 51°14’ de longitude Oeste de Greenwich” (Hasenack; Guerra, 2000, p. 15).

[...] A região por suas determinações técnicas, é mais ampla do que a relação jazidas-áreas residenciais, incorporando outros locais necessários à extração e à circulação do carvão, como portos de embarque, os estabelecimentos insumidores e as vias que materializam esses fluxos. O termo ‘tradicional’ é utilizado para localizar o espaço que deu origem à exploração carbonífera no Rio Grande do Sul, desde o século XIX quando foi descoberto e teve início a sua exploração econômica, a partir do ‘Curral Alto’ nas minas de Arroio dos Ratos e do Butiá [...] (Neves; Chaves, 2000, p. 109).

Entre as pesquisas que abordam a temática das minas de carvão no Rio Grande do

---

\* Universidade Federal de Pelotas (UFPEl). Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural. tassimelo@gmail.com



Sul, incluindo as questões relativas à memória e à identidade mineira, destacam-se as dissertações de mestrado das antropólogas Cornelia Eckert (1983) e Marta Ciocari (2004). O trabalho de Eckert trata-se de uma experiência antropológica, na cidade de Charqueadas. Esta abordou sobre as condições de vida de mineiros ativos na extração de carvão no subsolo, entre os anos de 1983 e 1985. Já Ciocari, buscou através das representações da comunidade de mineiros de Minas do Leão desvendar a forma como se constitui sua identidade social baseada no valor-trabalho, na sociabilidade, na afirmação da masculinidade e no sentimento de heroísmo decorrente dos perigos enfrentados numa mina subterrânea desativada em 2002.

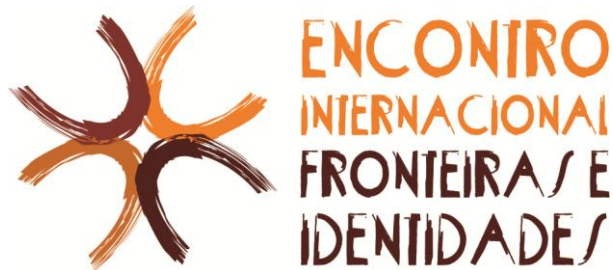
A memória e a identidade são conceitos que se relacionam, de forma que Le Goff (2003, p. 410) destaca que “[...] a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”. Seria difícil conceber uma reflexão sem que os dois conceitos fossem trabalhados de forma conjunta. Assim, Candau (2011, p.10) afirma que “[...] admiti-se que memória e identidade estão indissolúvelmente ligadas”, portanto, “[...] memória é a faculdade primeira que alimenta a identidade” (Candau, 2011, p. 16).

Conforme Candau (2011, p.19) “[...] não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente [...]”.

Com o objetivo de analisar como passamos de formas individuais a formas coletivas da memória e identidade, Joël Candau (2011) aponta uma reflexão interessante: o grau de pertinência das retóricas holistas aplicadas à memória e à identidade. O autor considera que estas retóricas possuem um estatuto científico extremamente frágil.

Partindo de uma definição de memória coletiva (conjunto de lembranças comum a um grupo) e de memória social (conjunto de lembranças reconhecidas por um determinado grupo), Candau (2011) explica que a existência de atos de memória coletiva (comemorações e construção de museus, por exemplo) não é suficiente para atestar a realidade de uma memória coletiva. Para o autor, “[...] um grupo pode ter os mesmos marcos memoriais sem que por isso compartilhe as mesmas representações do passado [...]” (Candau, 2011, p.35). Assim:

[ ] Idealmente, a metáfora 'memória coletiva' aplicada a um determinado grupo seria pertinente se todos os membros do grupo fossem capazes de compartilhar integralmente



um número determinado de representações relativas ao passado que lhes teriam sido previamente comunicadas de acordo com as modalidades variáveis, mas socialmente determinadas e culturalmente regradas [...] Poderíamos então falar de memória pública ou de 'comunidade de pensamento', ou ainda, de acordo com a fórmula prudente de Tzvetan Todorov, de certa memória comum [...] (Candau, 2011, p.31).

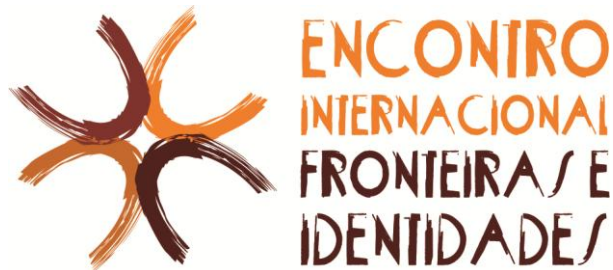
É importante dentro das observações feitas por Candau (2011) às retóricas holistas atentar-se para aquilo que o autor chama de discurso metamemorial. Tomando como exemplo a reflexão em torno da comunidade carbonífera de Arroio dos Ratos, o fato de alguns moradores afirmarem recordar como eles acreditam que os outros recordam, sobre os tempos da mineração de carvão na cidade (metamemória coletiva) pode ser uma indicação reveladora:

[...] de uma relação particular que os membros de um grupo considerado mantem com a representação que eles fazem da memória desse grupo, e de outro, esse discurso pode ter efeitos performativos sobre essa memória, pois retomado por outros membros, esse discurso pode reuni-los em um sentimento de que a memória coletiva existe e, por esse mesmo movimento, conferir um fundamento realista a esse sentimento. (Candau, 2011, p.34).

Considerando a maneira pela qual os grupos e indivíduos fazem frente à perda, buscase através deste artigo relacionar esta questão com o problema da petrificação da memória e da identidade, analisando o caso específico de uma comunidade carbonífera situado no sul do Brasil. Através de uma, ainda incipiente, análise do discurso metamemorial desta comunidade, no que diz respeito às memórias em torno da mineração de carvão, será traçado um caminho para compreender de que forma este discurso se apoia sobre a fragmentação das memórias organizadoras e como isto levará a uma possível fossilização da memória e da identidade da comunidade estudada.

## **Memórias fossilizadas e identidades enrijecidas**

Candau (2011) aborda sobre o risco da desnaturalização que acompanhou os projetos de conservação da memória dos mineiros do norte da França. Para o autor, estes projetos poderiam estar contribuindo para uma desnaturalização capaz de construir uma identidade



social e cultural “estatuária” que tornam os próprios mineiros inaptos a toda adaptação ao presente e ao futuro (Candau, 2011). Ainda em relação aos mineiros:

Eles sofrem com suas histórias porque aceitaram representar o papel a eles atribuído por outros: deixaram-se reduzir à memória esclerosada produzida por certos mecanismos institucionais e ideológicos. Essas memórias fossilizadas, museificadas, contribuem ao enrijecimento das identidades sociais e culturais a ponto de por vezes, necrosá-las, dando-lhes, depois, a rigidez dos cadáveres. (Candau, 2011, p.192).

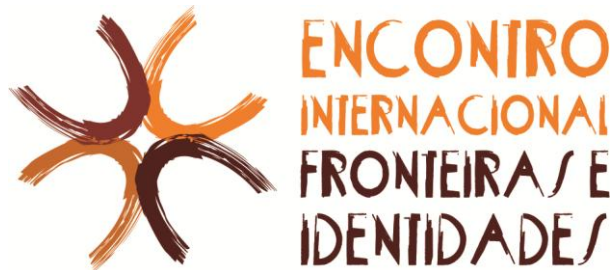
Em continuidade à reflexão sobre projetos de conservação da memória dos mineiros do carvão cabe trazer o caso da Festa da Saudade Mineira. O evento citado ocorre desde o ano de 1990 no segundo domingo de novembro. Com exceção do seu primeiro ano de realização, a festa tem sido desenvolvida na cidade de Arroio dos Ratos, no Rio Grande do Sul. A comemoração destaca-se por dois momentos importantes: o primeiro, mais solene, ocorre no Museu Estadual do Carvão e o segundo, mais lúdico, nas dependências da Sociedade Última Hora. Nesta festa “[...] velhos mineiros e habitantes da região carbonífera são motivados por um mesmo objetivo, o de ‘reencontrar-se’, ‘matar as saudades’, ‘relembrar os velhos tempos’[...]” (Eckert, 2000, p.890).

Seja através de projetos (museus e memoriais) que visam à conservação da memória dos trabalhadores das minas de carvão, ou mesmo através de atividades que exploram a questão lúdica, a memória e a identidade são elementos inerentes.

Cabe refletir, primeiramente, se poderíamos falar da existência de uma memória coletiva no caso da Festa da Saudade Mineira.

Sugere-se em primeiro lugar a existência de um marco memorial (“os tempos da mineração”, “os tempos lá de Ratos”) e que no ato da festa as pessoas parecem compartilhar das mesmas representações do passado. Diante desta metamemória coletiva (Candau, 2011), os atores afirmam recordar como eles acreditam que os outros recordam, podendo inclusive transformar seus participantes, em especial os antigos mineiros, em prisioneiros da metamemória (mitologia da profissão, família de mineiros, religiosidade ligada ao catolicismo...) (Candau, 2011). “[...] Essas representações coletivas e simbólicas encontram na existência de representantes individuais ou coletivos, concretos ou abstratos, as garantias de sua estabilidade e de sua continuidade” (Chartier, 2009, p. 50).

Há, porém, um detalhe: muitos antigos trabalhadores das minas de carvão sentem-se incomodados com a festa, e demonstram isso se recusando a participar do evento. Afirmam



que os “tempos da mineração” não eram tão “áureos”, assim como pretensamente o ato da festa instiga a compartilhar.

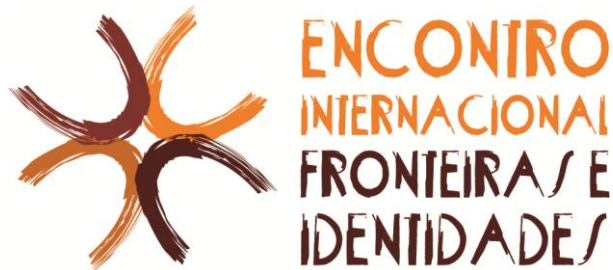
Segundo Speranza (2009, p.77) a representação em torno do ofício do mineiro “[...] geralmente se materializa num quadro pintado com as cores da coesão grupal, da coragem, da politização, do sacrifício, da força, da solidariedade, da masculinidade, da religiosidade e da tradição familiar”. O risco desta representação é a sua “[...] absolutização passível de constituir um padrão de comportamento social homogeneizado e sem espaço para ambiguidades e divisões” (Speranza, 2009, p.77).

Mesmo na atualidade, onde os mineiros transformaram-se em operadores de máquinas, a identidade mineira parece continuar assentada, sobretudo, nas memórias daqueles que enfrentaram os perigos da profissão, quando esta se encontrava em sua forma mais rudimentar. Conforme Amado (1995) esta condição é característica da memória, ou seja, “[...] sua capacidade de associar vivências individuais e grupais com vivências não experimentadas diretamente pelos indivíduos ou grupos: são vivências dos outros, das quais nos apropriamos, tornando-as nossas também, por meio de conversas, leituras, filmes [...]”.

Os indivíduos envolvidos com o ofício da mineração de subsolo os quais vivenciaram as experiências inerentes à realização da extração do carvão, possuem um determinado conjunto de memórias que são intrínsecas ao grupo de pertencimento daquele momento e, por ainda entenderem-se como mineiros, conseguem evocar as lembranças do vivenciado utilizando-se das memórias dos outros (Kuhn; Silva, 2011, p. 10).

O tema da memória coletiva toca de maneira essencial a questão do princípio de coesão social (Barash, 2012), de maneira que a possível ameaça do desaparecimento das memórias em torno da mineração de carvão tradicional afeta os demais membros da categoria, mesmo estes não exercendo as mesmas atividades de outrora. Cioccarri (2006) observa em suas entrevistas realizadas entre mineiros da comunidade carbonífera de Minas do Leão o seguinte:

[...] Noto que os mineiros se apressam em relacionar todos os parentes que mantém ou mantiveram alguma ligação com a atividade. É uma espécie de auto-referência, de reconhecimento desses ‘outros’ como a um ‘si’ e de ‘si’ como parte deste todo, que se transforma em ‘nós’, a comunidade de mineiros [...] Quando Zecão evoca o filme *Germinal* percebo que sente-se mais próximo dos mineiros de séculos passados do que de outros trabalhadores da sociedade contemporânea. (Cioccarri, 2006, p.121).



Mesmo as formas de trabalho sendo diferenciadas da de outrora, o mineiro atual reconhece na fala do trabalhador dos anos entre 1940 e 1960 um referencial importante na constituição do que poderia se chamar “a identidade mineira”.

O ambiente de solidariedade e sem conflitos é contestado ao observarmos os casos das greves mineiras ocorridas na década de 1940 na região do Baixo Jacuí. Os relatos nos apontam situações de desentendimentos entre os próprios trabalhadores. Se por um lado a solidariedade entre companheiros de trabalho era indispensável para a sobrevivência no ambiente insalubre e perigoso de uma mina de carvão, por outro este paradigma poderia ser quebrado durante as greves, através do peleguismo de alguns trabalhadores.

Helder Pereira Rodrigues (2004) esclarece, a partir da leitura de Hall, as três possíveis consequências para as identidades culturais advindas a partir do processo de globalização. Seriam elas: a desintegração das identidades nacionais, resultado de um crescimento da homogeneização cultural; o reforço das identidades locais, como resistência à globalização; e por fim a formação de novas identidades, chamadas híbridas, que tomam o lugar das identidades nacionais.

Ainda segundo Rodrigues (2004):

[...] a cultura do instável dá importância às situações efêmeras, pois as duradouras tinham, desde sempre, a marca odiosa do que podia ser identificado com o tradicional. O avesso do efêmero é o tradicional, mas o tradicional possui um poder petrificante de ações e pensamentos. Sair das petrificações institucionais de antigas formações sociais haveria que significar, quase que necessariamente, uma ruptura com suas características. E quanto ao sujeito? Poderia permanecer firme e estável? Continuaría o sujeito centrado das antigas instituições sociais? (Rodrigues, 2004, p.96).

A partir da colocação de Rodrigues (2004) torna-se relevante abordar outro aspecto desta metamemória coletiva forjada sob o mito do carvão: o medo da perda. A partir da abordagem deste aspecto busca-se melhor compreender a formação de memórias fossilizadas que contribuem para o enrijecimento das identidades sociais e culturais.

### **O medo da perda**

Lidar com a perda nem sempre é fácil. Candau (2011) discute a questão da perda,





partindo da ideia de que esta se constitui num dado antropológico universal, ou seja, a perda é “companhia obrigatória de todo ser humano”, seja a perda da juventude, da saúde, dos amigos, dos pais... Desta maneira, é na ânsia por nada perder e tudo conservar que muitas vezes corremos o risco da desnaturalização, processo perceptível em alguns projetos que visam à conservação da memória de determinado grupo, tal como relatado anteriormente.

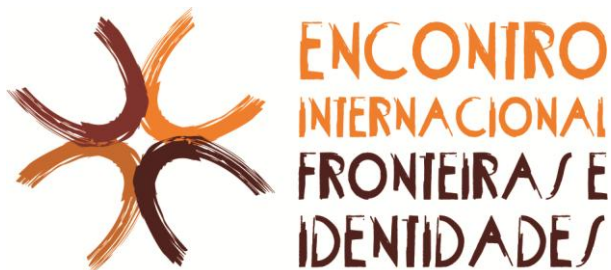
Tratando-se da memória, conforme Candau (2012), ela não existe sem o esquecimento, desta maneira podemos considerar a memória limitada, seletiva, esquecida e declinante. Considerando o conceito de memória coletiva é possível afirmar que ela se constitui mais provavelmente da soma dos esquecimentos do que da soma das lembranças (Candau, 2012).

Para compreender as formas compartilhadas do esquecimento, o autor Paul Connerton (2008) busca identificar os significados agregados ao “esquecer” e identifica no mínimo sete tipos de esquecimentos os quais apresenta em forma de tipologias. Entre estas tipologias destaca-se o esquecimento como constituinte na formação de uma nova identidade. Assim, “[...] o que é permitido esquecer fornece espaço vivo para projetos presentes” (Connerton, 2008, p.63), o que pode ser considerado salutar ante à possibilidade de congelamento de uma identidade.

Ao analisar a relação entre perda, memória e identidade na comunidade carbonífera de Arroio dos Ratos, torna-se necessário refletir sobre outro projeto, que assim como a Festa da Saudade Mineira, teve como intenção a conservação da memória em torno da mineração de carvão. Trata-se da criação do Museu Estadual do Carvão, também no município de Arroio dos Ratos.

O fim das atividades de mineração em Arroio dos Ratos, em 1956, junto ao consequente fechamento da sua usina termoelétrica, é relatado como um processo difícil para a cidade. Segundo Eckert (1983), “o centro minerador perde o ‘status’ de ser a cidade símbolo da mineração do carvão”. Observa-se esta condição através, por exemplo, do fechamento da escola conveniada ao SENAI, que oferecia cursos técnicos para a especialização da mão- de - obra desta comunidade. Assim:

A situação de abandono da cidade de Arroio dos Ratos é assistida pelas autoridades governamentais de então, através de uma lei que estabelece a localidade como zona em precariedade social, dada a paralisação da extração do carvão, eximindo o município do



pagamento de impostos básicos, o qual é revertido em 95% na recuperação do município (Eckert, 1983, p. 161).

No documentário “Ouro Negro, a saga do carvão” (2006), produzido pelo projeto “Revelando Brasis” do Ministério da Cultura, evidencia-se parte do sentimento de comoção da população em relação a este processo de desindustrialização, onde as atividades mineiras são transferidas para a cidade de Charqueadas, promovendo desta maneira o êxodo da mão-de-obra.

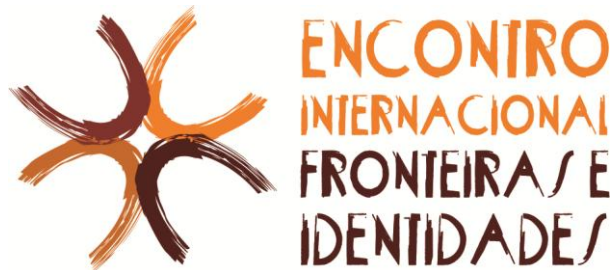
Diante da vitória do petróleo sobre o carvão após o período da II Guerra Mundial “a população viu com muita tristeza o desmonte da estrada de ferro, a paralisação da usina, a paralisação das vilas” (Juarez Adão Lima, em entrevista ao documentário Ouro Negro, 2006). A população assistiu os trilhos da ferrovia sendo arrancados e “vendidos a preço de banana como sucata” (Ervino Lothar Sulzbach, em entrevista ao documentário Ouro Negro, 2006). Este tempo de crise é assim representado: “[...] a medida que lá [Charqueadas] se construía, aqui [Arroio dos Ratos] se destruía. Lá se promovia o progresso, aqui se gerava o regresso. Lá se criava a vida, aqui se implantava a morte. Lá a esperança, aqui o desespero” (Sulzbach, 1989, p.58).

A criação do Museu Estadual do Carvão em 1986 no espaço da antiga usina termoelétrica, mesmo sendo uma ação engendrada por agentes externos à comunidade carbonífera, torna-se um projeto onde a memória nutrida por estereótipos (o mineiro corajoso e amante do trabalho) participa da “construção de uma identidade social e cultural ‘estatuária’” (Candau, 2011).

Nas fotografias que constam no acervo que trata da inauguração da primeira exposição de longa duração do Museu Estadual do Carvão, observam-se jovens recepcionando os convidados e curiosos, vestidas com “macacões” cinzas, utilizados pelos trabalhadores nas minas de carvão a partir de fins da década de 1970. Entretanto, em relação aos objetos expostos, constata-se que são instrumentos típicos da mineração de carvão das décadas anteriores. Neste diálogo entre o novo (perfil do mineiro da atualidade – o operador de máquinas) e o antigo (lampiões a carbureto, picaretas, vagonetas...) o último parece se sobressair com muita facilidade, pois este representa o mito fundador de uma identidade mineira constantemente ressaltada pela comunidade.

Frente à morte da profissão a musealização reatualiza o que é da ordem da degradação





e da perda de uma possível identificação, criando um templo sagrado que perpetua o mito fundador, o imaginário histórico (Eckert, 1997, p.6). De acordo com Eckert (1997), trazendo a relação entre o Museu Estadual do Carvão e a Festa da Saudade Mineira:

O Museu do Carvão não poderia ser melhor cenário para comemorar a saudade. Construído em terreno onde funcionavam poços de extração, o Museu é um misto de ruínas do antigo complexo industrial e prédios restaurados permitindo ao visitante tanto o mergulho nessa forma destruída, mas persistente do antigo mundo do trabalho, quanto na forma restaurada da memória operária formas presentes do passado esteticamente diferenciadas (Eckert, 1997, p.5).

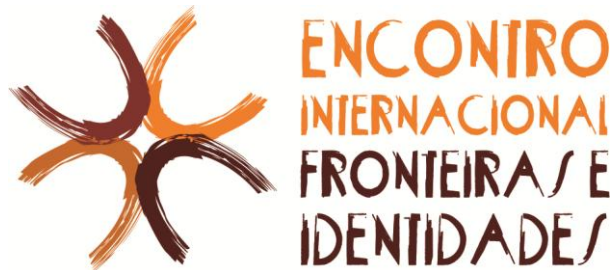
A patrimonialização da antiga usina, movida pelo medo da perda de uma identidade forjada sob o “mito do carvão”, acaba se constituindo naquilo que Candau (2011, p.159) afirma ser um “investimento identitário a ser transmitido”. Esse processo não deixa de transparecer “[...] certa incapacidade em viver no tempo presente [...]” (Candau, 2011, p. 159), uma amostra do modo de pensar retromaniaco no qual o passado é valorizado e, inclusive, venerado (Candau, 2011).

## **Conclusões**

O artigo centrou-se na discussão acerca das relações entre memória, identidade e perda entre a comunidade carbonífera do município de Arroio dos Ratos, no Estado do Rio Grande do Sul.

A memória fossilizada que envolve a comunidade numa teia de lembranças sobre o período marcante da mineração na cidade se manifesta através da fala de diversos atores, entre eles destacam-se os trabalhadores das minas de carvão. A exaltação do trabalho, da solidariedade, da “garra mineira”, da devoção à Santa Bárbara, entre outros aspectos, remetem à possibilidade de um enrijecimento daquilo que é chamado de identidade mineira.

Esta identidade mineira parece forçar uma presença constante na vida da comunidade arroio-ratense. Ela está representada no Museu Estadual do Carvão através de sua exposição de longa duração, no monumento erguido na década de 1970 no centro da cidade (o



monumento ao mineiro), na anual festa da Saudade Mineira.

Como a perda relaciona-se com tudo isso? Supostamente, é o receio da perda que faz com que boa parte da comunidade, especialmente os ex-trabalhadores das minas de carvão da região exercitem constantemente o lembrar de suas histórias.

O fim do período áureo das atividades extrativas em Arroio dos Ratos deixou um rastro de abandono que insiste em assombrar as buscas por alternativas de desenvolvimento do município.

As memórias fossilizadas, museificadas em torno do “tempo das minas”, considerado bom para muitos moradores, se coloca por um lado como uma estratégia para que as novas gerações não esqueçam desse passado e por outro como forma de manter a identidade mineira forjada sob a base do “mito do carvão” e da “saga mineira”, algo muitas vezes forçado pelas instituições de memória (museus, arquivos, memoriais...). Estes apontamentos revelam, ainda que de forma especulativa, uma forma de expressão desta comunidade: “os trilhos que transportavam o carvão, os poços e a usina se foram, mas nós continuamos aqui”.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. **História**, São Paulo, v. 14, p.125-136, 1995.

BARASH, Jeffrey Andrew. O lugar da lembrança: reflexões sobre a teoria da memória coletiva em Paul Ricoeur. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.2, n.6, p. 64-75, Jan / Jun., 2012.

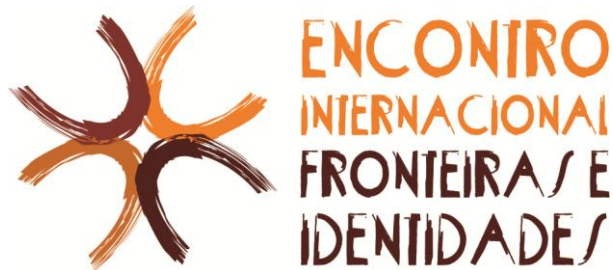
CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

\_\_\_\_\_.La mémoire, la perte, la doute. In: MICHELLON, Francisca Ferreira; FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi (orgs.). **Memória & Esquecimento**. Pelotas: Editora da Universidade Federal de Pelotas, 2012.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CIOCCARI, Marta. **Ecos do subterrâneo: estudo antropológico do cotidiano e memória da comunidade de mineiros de carvão em Minas do Leão (RS)**. Dissertação de Mestrado. IFCH. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

CONNERTON, Paul. Seven types of forgetting. **Memory Studies**. v.1, p.59-71, 2008.



ECKERT, Cornelia. Sociabilidade e memória na comunidade mineira do carvão. In: **Carvão e meio ambiente**. Centro de Ecologia da UFRGS, Porto Alegre: UFRGS, 2000.

\_\_\_\_\_. A saudade em festa e a ética da lembrança. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.5, n.1, p.182-192, 1997.

\_\_\_\_\_. **Os homens da mina: um estudo das condições de vida e representações dos mineiros de carvão em Charqueadas – Rio Grande do Sul**. Dissertação de Mestrado. IFCH. Porto Alegre: UFRGS 1983.

HASENACK, Heinrich; GUERRA, T. A área de estudo. In: Centro de Ecologia – UFRGS (Org.). **Carvão e meio ambiente**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000, p. 15-17.

KUHN JUNIOR, Norberto; SILVA, Cristina Ennes. Nas profundezas da terra: redes relacionais nas minas de carvão no sul do Brasil. Revista **Latinoamericana de Estudos do Trabalho**. Ano 16, n. 25, p.7-33, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 2003.

NEVES, Gervásio Rodrigo; CHAVES, Sylvia Helena Ayres. A região carbonífera “tradicional” do Rio Grande do Sul. In: Centro de Ecologia - UFRGS. (Org.). **Carvão e meio ambiente**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000, p. 108-129.

PEREIRA, Helder Rodrigues. A crise da identidade na cultura pós-moderna. **Mental**. Barbacena: Ano 2, n.2, p. 87-98, jun. 2004.

SILVA, Cristina Ennes da. **Nas profundezas da terra: um estudo sobre a região carbonífera do Rio Grande do Sul**. Tese de Doutorado. PPG em História. Porto Alegre: PUCRS, 2007.

SIMCH, Carlos Alfredo. **Monografia de São Jerônimo**. Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1961.

SPERANZA, Clarice Gontarski. **Cavando direitos: as leis trabalhistas e os conflitos entre trabalhadores e patrões nas minas do Rio Grande do Sul nos anos 40 e 50**. Tese de Doutorado. Departamento de História. IFCH. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

SULZBACH, Ervino Lothar. **Arroio dos Ratos: berço da indústria carbonífera nacional**. Arroio dos Ratos, RS: PBS, 1989.